

LEVANTE PELA BASE
PARA RETOMAR O SINDICATO PARA OS TRABALHADORES

Informe:

Na assembleia mais recente do Sincort - PA (16/09/25), que discuti o futuro da nossa data base 2025-2026, infelizmente se constatou o esvaziamento da instância devido sobretudo ao descrédito e desânimo da



categoria com a atual direção da entidade que mais uma vez se alinha a um tipo de concepção sindical organizada em escala nacional, ART/Sindical, que conduz as negociações com a empresa de maneira submissa e que se coloca como base do governo e de seu arcabouço fiscal. Mas não nos enganemos, o ritmo de mobilização fraco que percebemos nas atitudes, discursos da direção ontem e nas setoriais tem a intenção de evitar que nossa indignação se transforme em um necessário movimento paredista. Prova disso é o conteúdo dos informativos da federação com o mesmo tom do *Primeira Hora* (Circular da ECT) os quais convergem em suas ideias principais levar em conta a sustentabilidade da empresa para sair da crise. Informativos como estes distribuídos físico e virtualmente para a categoria tem como objetivo fragilizar a agenda de luta aprovada pelo 37 ° CONREP em Junho e denunciado por um delegado que esteve

nessa instância e presenciou os delegados do Sincort – PA votando junto a sua corrente para suspender a agenda de luta deste ano.

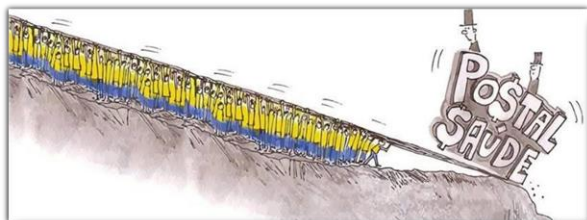


A crise pela qual a ECT passa não foi provocada pelos funcionários, pelo contrário, só não está pior porque somos sacrificados diariamente. Esta crise segue a mesma cartilha clássica das privatizações das estatais desde os anos 90, sucateando, retirando direitos e cortando na pele da categoria para

enxugar e entregar às máfias privadas. Precisamos nos reorganizar em nossos locais de trabalho, pressionando, desde a base, a federação, mostrando para categoria que existem alternativas para sairmos dessa. Indicar soluções junto as instituições financeiras de fomento a economia do país como BNDES, ETC porque se governos passados retiraram bilhões dos cofres dos correios a nossa empresa também deve ter direito de contar com a ajuda financeira dessas instituições.

Não podemos aceitar um acordo coletivo rebaixado novamente, assim como foram nos governos golpistas recentes, temos que repudiar ser sacrificados em nome da sustentabilidade de uma empresa que já nos sacrifica dia a dia com sobrecarga de trabalho devido à falta de funcionários para dar conta da demanda do serviço postal como um todo

e que nos adocece fisicamente na escala 6x1; sacrifica na falta de esquemas de segurança para inibir assaltos e no assédio moral por parte da chefia que nos adocece mentalmente; sacrifica quando estamos em locais de trabalho de Norte a Sul do país com instalações muitas vezes sem condições adequadas e mínimas para exercer nossas funções, descanso e higiene; frotas de carros, motos e bicicletas sucateadas por falta de manutenção; EPI's de má qualidade, etc, no entanto, a cobrança de metas e qualidade nos serviços por parte da empresa não são proporcionais à falta de investimentos. Por isso precisamos exigir na mesa de negociação que o processo de contratação dos aprovados e lista de espera do último concurso seja concluída imediatamente.



Não esquecemos também que nosso plano de saúde foi sacrificado em 2015 e terceirizada a sua gestão com a

finalidade de balancear as contas da empresa tendo como as principais mudanças a implementação de mensalidades abusivas tendo como referência o salário bruto e coparticipação que foi de 30% no último governo de Dilma a 50% nos governos golpistas de Temer e Bolsonaro; Retirando pais e mães de funcionários de serem dependentes, inclusive as e os que já estavam em tratamento de câncer mostrando o caráter desumano dessas medidas. Desmonte esse que não foi enfrentado por parte da maioria das correntes políticas que compunham a federação a

época e que até hoje não fizeram uma autocrítica e não dão a importância devida para se revogar tais medidas implementadas por governos neoliberais e ultraliberais com agenda de corte de “gastos” em cima dos direitos da classe trabalhadora.



Foi distribuído o documento da FENTECT, que tinha como objetivo fragilizar a greve. O presidente do sindicato colocou a proposta em votação sem sequer permitir que

os trabalhadores apresentassem uma contraproposta. Esse ato é um claro sinal de medo, que se traduziu em truculência por parte de uma direção irresponsável, que trabalha explicitamente para não haver greve, mostrando sua verdadeira face nesta data base. Por tudo isso os representantes da empresa que foram indicados por um governo de coalisão “democrática” se retirarem da mesa de negociação foi uma clara afronta para com nossa categoria a qual carrega nas costas a ECT. A primeira resposta digna de uma federação a se fazer respeitar seria convocar uma paralisação imediata, coisa que não foi feita sinalizando assim a conivência e irresponsabilidade com nosso calendário de luta.

Precisamos exercer a tática do movimento paredista e ação direta que tanto deu direitos para toda classe trabalhadora internacionalmente e especificamente para nossa

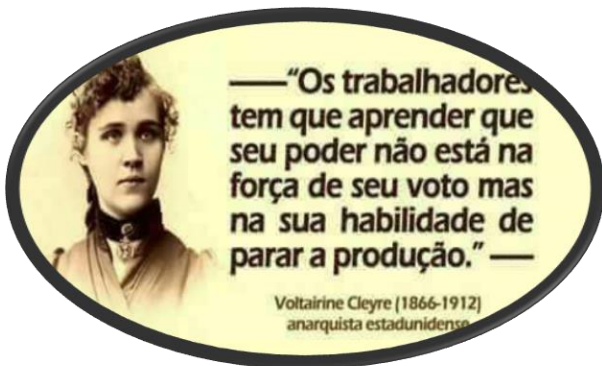


categoria em datas-bases passadas e neste momento não pode ser diferente temos que arrancar um reajuste digno para nossa categoria. Não podemos mais uma vez acreditar na judicialização da luta que sempre atende aos interesses das empresas. Portanto, o momento é de passarmos por cima da burocracia sindical alinhada com os interesses da empresa e de suas correntes políticas, deixando os interesses da categoria em último plano, como fizeram os garis no Rio de Janeiro em 2014 na data base, passando por cima da orientação dos seus sindicatos que trabalhava claramente pra desmobilizar a greve da categoria, bem como a greve que segue forte na construção civil na região metropolitana de Belém em tempos de COP30 que injeta bilhões nas obras da cidade mas que quer reajustar migalhas para o operariado.

É hora de se reorganizar e retomar nossa entidade sindical para nós e propor uma concepção de sindicalismo combativo e não de faz de conta como o atual. Aprender com as traições que nossa categoria já sofreu nos últimos anos e que nos trouxeram perdas. Para isso temos que resgatar princípios que foram deixados de lado propositalmente como

independência de classe, autonomia na luta, ação direta em todos os níveis, visão classista de entender que a empresa/ patrão tem interesses opostos ao do trabalhador e fará de tudo para empurrar goela abaixo sua agenda de cortes.

A tarefa é árdua pois os ecetistas tem que superar dois obstáculos: a cultura política passiva e conciliadora produzida pelos mais de 20 anos



desta corrente a frente da nossa entidade como referência para nossa categoria; a burocracia sindical alinhada aos interesses do governo do arcabouço fiscal que pretende abranger para as estatais os cortes em nossos salários e direitos com o intuito de ter dinheiro em caixa, ou seja, nos transformar em bode-expiatório para reerguer as receitas em déficit da empresa provocadas pela irresponsabilidade dos executivos de gestões golpistas indicadas pelos governos passados e atuais planejando pacotes de maldades no acordo coletivo. Não podemos aceitar as medidas impostas que nos colocam como principais agentes do prejuízo

Só a luta muda a vida! Não tá morto quem peleja! Levante pela base!